

# Disputa pelo legado do JP Morgan

Três grupos originários do banco americano separam-se e lançam hedge funds. Por **Daniela D'Ambrosio**, de São Paulo

Três "hedge funds" acabam de chegar ao mercado e marcam a estréia de novas empresas de gestão de recursos: Legacy, Neo e Pátria. Em comum, mais do que disputar o já concorrido mercado de fundos derivativos, esses produtos guardam outra importante semelhança — são geridos por ex-integrantes do JP Morgan, cuja área de asset management foi comprada pelo Bradesco no início do ano.

O principal efeito do processo de consolidação dos assets tem sido a proliferação dos gestores independentes. Só que, nesse caso, na hora da cisão, a afinidade — ou as diferenças — entre a equipe falaram mais alto e, ao invés de uma, surgiram três novas crias do antigo grupo.

O ex-diretor de asset management do JP Morgan, Wagner Murgel, criou a Neo Investimen-

tos. Levou como seus sócios Adauto Martins, ex-diretor comercial do JP Morgan, Mario Schalch e Marcelo Cabral, ambos da área de derivativos na instituição americana, além de Henrique Alvares, que cuidava do mercado de capitais e Augusto Lange, analista de renda variável no JP.

No entanto, os dois gestores que estavam diretamente subordinados a Murgel, Eduardo Favrin e Eduardo Mafra, respectivamente renda variável e fixa, tomaram outro rumo e junto com Wilson Müller, que no JP cuidava de clientes corporate e institucionais, montaram a Legacy Asset Management.

O nome da nova empresa — legado em inglês — foi escolhido, segundo os sócios, justamente para mostrar que a Legacy continuará com os mesmos padrões adotados antes no JP Morgan.

## As crias do JP Morgan

Novos fundos criados pela antiga equipe do banco

Nome do fundo	Aplicação inicial	Taxa de administração	Taxa de performance
Legacy Hedge FIF	R\$ 10 mil	1,8% ao ano	20% acima da variação do CDI
Neo Multi Estratégia FIF	R\$ 25 mil	2% ao ano	20% acima da variação do CDI
Pátria Hedge FIF	R\$ 150 mil	2% ao ano	20% acima da variação do CDI

Fonte: Instituições

"Fomos nós que construímos e herdamos o histórico dos fundos do JP", diz Eduardo Mafra.

Mas a disputa por esse legado não termina aí. Um terceiro grupo dissidente — na verdade, o primeiro a ser estruturado — o Pátria Banco de Negócios, é formado pelos sócios originais do Banco Patrimônio, entre eles, Olimpio Matarazzo Neto, que agora coordena a área de relação com os in-

vestidores e Hedge Funds do Pátria. No JP, Matarazzo era vice-presidente de finanças corporativas e fusões e aquisições. Seus outros sócios são Luís Fernando Lopes, ex-economista e estrategista-chefe do JP, Renato Massucci, responsável pela área private, e André Penalva, gerente da área de operações estruturadas para o private banking. "O pessoal da Pátria não estava tão ligado antes como

os outros dois grupos, que estavam no asset", explica uma fonte.

"De um lado ficou o pessoal do asset do Patrimônio, liderado pelo Murgel, e do outro o que veio do Chase e que, depois da fusão, foram obrigados a trabalhar juntos", diz a fonte. Isso porque várias fusões consecutivas uniram grupos de origens diferentes que terminaram como JP Morgan. Em 1998, o Banco Patrimônio foi comprado pelo Chase Manhattan (que já havia se fundido com o Chemical); que em 2000, uniu-se mundialmente ao Fleming e ao JP Morgan — nome que prevaleceu.

A experiência acumulada no JP foi levada por cada um deles para as suas novas casas de gestão — algo claramente percebido nos discursos sobre os novos fundos. O cuidado com os modelos de risco e a transparência é uma preocupa-

ção de todos. Assim como o objetivo de garantir resultados consistentes no longo prazo. Até os parceiros são os mesmos. Nos três casos, administração (registro e controle das operações) e custódia (liquidação das operações e guarda dos ativos) foram entregues à Mellon e Itaú respectivamente, as duas instituições que mais atuam com os gestores independentes.

Dois dos fundos têm uma estratégia de gestão mais parecida. Pátria e Legacy farão a escolha de ativos mais orientados pelo cenário macroeconômico. "Mesmo as posições curtas serão pautadas pelo market time", explica Mafra. Já a Neo defende a montagem de operações diferenciadas. "Essas oportunidades de apostar se o juro e o dólar sobe ou desce tendem a ser cada vez menos óbvias", afirma Wagner Murgel.